

# Uma cova rasa no cerrado

Vladimir Carvalho

Ainda estava no interior de Mato Grosso, nos cafundós de sua roça, e ouviu o eco da promessa feita em praça pública: Brasília iria passar do sonho à realidade. Já em 58 o próprio nome Brasília passou a ressoar nos seus ouvidos como uma coisa mágica, um chamariz a lhe espicaçar o espírito, algo a lhe despertar de novo o destino cigano de andarilho. Com família constituída veio parar em Goiás, tratando da terra. Nessa ocasião comprou uma vaca para facilitar o leite da criança mais nova, e deu-lhe na telha batizá-la de «Brasília»; a rês deu-lhe uma bela cãia e ele pespegou no bezerro o nome de «Brasil». «Seu» Luis se considera semi-analfabeto mas sempre teve uns laivos de patriotismo que não sabe de onde veio.

Passou algum tempo e em 1959, numa quadra difícil, safra ruim, dinheiro nenhum, desfez-se dos trens, inclusive vaca e bezerro que ficaram entregues ao seu bovino destino de matadouro. Brasília para ele agora era a possibilidade de trabalho na construção, junto com tantos outros que partiram trocando muitas vezes a enxada pela colher de pedreiro.

A obra já ia em meio mas não lhe foi difícil conseguir uma vaga, uma vez que trabalho era tocado em ritmo acelerado, precisando de muitos braços. Era um rojão continuado, sem dó nem piedade, dia-e-noite. Era a dura lei dos prazos a cumprir e o homem tinha de ser superior ao tempo, à chuva e ao sol. A ordem era mantida à risca, com capatazes secundados pelas ameaças de homens fardados e armados que rondavam os acampamentos ao menor sinal de desalento. Pela primeira vez ouviu o nome da GEB. Recrutados entre os mais truculentos ou mais deformados pela miséria, os homens da Guarda Especial de Brasília agiam com plena impunidade, sem peias nem freios.

As condições de trabalho, de alojamento e passadio, segundo «seu» Luis nunca foram das melhores e havia muito descontentamento. Este só era amenizado em dias de pagamento, quando os homens se entregavam à descontração de um bom trago e digeriam o sonho do retorno à terra natal. Por conta disso aguentava-se o tranco.

Fixado no gravador que lhe seguro à frente, «seu» Luis recorda como era difícil aturar os tempos da construção. Um dia o banzo da separação da terra e da família, o cansaço, o amor próprio e a rebeldia foram tocados por uma noção de dignidade recôndita, e os homens tiveram um gesto insufocado de revolta. A coisa vinha num crescendo que passava despercebido ou então era uma espécie de «deixar correr» naquele clima de trabalho intenso, com descidas de aviões e aparições meteóricas dos grandes figurões. Mas o fato é que aconteceu com brutal violência. «Seu» Luis me garante que tudo começou por causa do rancho onde as irregularidades se acumulavam. E explodiu finalmente num dia em que serviram uma grande partida de carne estragada, tal como o Potenkim. Como em uníssono, os pratos de ágata tilintaram no pátio dos barracões como se tudo obedecesse a uma batuta invisível. Com a recusa da volta ao trabalho a surda «orquestração» tomou foros de um motim (talvez a primeira greve de que se tem notícia nos ermos do planalto) e pôs logo de prontidão um esquema para debelá-la. Do alto dos

sessenta e cinco anos, mourejado na dura lida e no sofrimento, «seu» Luis não soube me precisar que tipo de gestões houve. Se houve. O caso é que por todo o restante do dia um grande contingente permaneceu de braços cruzados e as obras paradas. Quando a noite veio a morte desceu célere sobre o acampamento da «Pacheco Fernandes». Ensarilharam-se logo as armas da persuasão, dispensou-se o entendimento e os dentes rangiam de ódio. Como se os peões fossem bichos num curral, a GEB veio rastejando na calada da noite, tomou posição e fez vomitar sobre os leitos dos que dormiam amparados apenas pelo tabique de madeira a metralha «corretora».

Os estampidos da chacina, segundo consta, não alcançaram a opinião pública do país e extinguiram-se pelas quebradas do cerrado até os confins do Centro-Oeste. Os tratores da Novacap fizeram o resto: uma vala comum no barro vermelho, sem a cruz cristã. O sangue dos inocentes adubou a terra na altura da Vila Planalto, e talvez seja por isso que as árvores ali cresçam com tanto viço e o «ficus» formam verdadeiros bosques no descampo brasileiro de onde se descortina, não muito distante, o Palácio do Planalto.

Isto horroriza até hoje o bom coração do meu informante.

A fita acabou mas «Seu» Luis ainda me conta que morou em Taguatinga vizinho a um velho cabo da GEB, «meio alienado da cabeça», segundo suas palavras. A noite não dormia, tinha visões terríveis e os seus familiares tinham de amarrá-lo à cama. Tinha atirado sobre os candangos e não sofrera a mais mínima punição. O remorso o levava a uma situação desesperante. Acabou-se no delírio dos loucos, num hospital de indigentes, chamando pelo nome de suas vítimas.

Digo a «seu» Luis que de alguma maneira a história registrou o acontecimento e falo-lhe do jornal «Bônômio», de Belo Horizonte que fazia oposição a Juscelino Kubitschek e que por isso mesmo estampou a ocorrência. Asseguro-lhe que há pessoas atentas que pesquisam nesse caminho, em busca da verdade. Animo-lhe porque sei que é um homem solidário, preocupado com o próximo, e lhe garanto a inclusão do seu testemunho no documentário que realizei com material compilado do americano Eugene Feldman que aqui esteve em 1959.

Agora nessa semana de comemorações dos vinte anos de Brasília, pode-se ver e ouvir Luis Perseghini que voltou a ser agricultor perto de Brazlândia. Ele conta no filme «Brasília Segundo Feldman» esse lance do massacre que por tanto tempo foi referido a medo e em surdina, com lapsos de memória e talvez com cores dramáticas nem sempre fiéis à realidade dos fatos, mas que não poderia ser calado.

Não basta a tumba que um estranho remorso pequeno-burguês fez erguer no Campo da Esperança com a indulgente inscrição «Túmulo do candango desconhecido». Longe dali, há uma cova no meio do cerrado que clama por justiça.

---

Vladimir Carvalho é cineasta e filmau o depoimento de uma das testemunhas